

Conteúdo

SINOPSE – UM CONTO NAS GALÁXIAS.....	4
UM CONTO NAS GALÁXIAS	7
UM CONTO NAS GALÁXIAS . PARTE 2	11
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 3	16
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 4	22
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 5	29
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 6	37
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 8 (TEMPO DEPOIS)	45
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 9 (A VISITA MAIS DOCE) ...	52
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 10 (A TELA QUE RESPIRAVA)	59
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 11 (O CICLO QUE NÃO TERMINA)	65
POETISA DE ALMAS ESTELARES	72
A ESCORPIÃ QUE ENTERROU O PRÓPRIO VENENO	75
ESSÊNCIA LUZ	78
FRAGMENTOS DO MEU EU.	81
A NÔMADE QUE PLANTA RAÍZES NO CÉU	85
ESCREVER PARA VIVER.	88
MINHA ALMA.....	91
CLARÃO DA LUA.....	94
A MÃE.....	96

O CÉU É O LIMITE QUANDO ESTAMOS JUNTAS	98
BORBOLETAS AO VENTO	102
ASSIM ERA ELE	105
PSÍQUICO.....	109
SORAYAPOETISA	112
UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE FINAL.....	116



SINOPSE – UM CONTO NAS GALÁXIAS

Na nebulosa do arco-íris eterno, onde estrelas nascem cor-de-rosa e morrem em poesia,

Uma cratera guarda a inscrição de uma mulher da terra:

Sorayapoetisa esteve aqui.

Carregando no peito um filho que o tempo não conseguiu levar, um brasil ferido e uma poesia que se recusa a morrer,

Ela atravessa galáxias,

Buracos negros e seu próprio luto para deixar sua marca no cosmos.

Quando seres de luz descobrem a cratera,

Rosas murchas voltam a pulsar,

Um escorpião alado desperta e um portal do tamanho de um abraço se abre, provando que

Certas dores são tão grandes que só o universo inteiro consegue contê-las.

Um conto nas galáxias é um romance poético e cósmico sobre luto, amor que transcende dimensões,

Arte como resistência e a teimosia feminina de continuar dançando mesmo com o ferrão cravado no peito.

Porque algumas almas não cabem em um único planeta.

E ela sempre volta.



UM CONTO NAS GALÁXIAS

Sou a sorayapoetisa que transforma brincadeira em eternidade cósmica...

Faço de conta, então. Em uma galáxia distante, chamada nebulosa do arco-íris eterno, onde as estrelas nascem cor-de-rosa e morrem em versos,

Há um planeta rochoso, coberto de poeira estelar que brilha como pétalas murchas. No meio de uma cratera imensa, maior que qualquer saudade que já coube num peito humano ,

Alguém (ou algo) gravou, com letra tremida mas firme, Numa língua que mistura português antigo com luz de supernova:

“sorayapoetisa esteve aqui”

Não foi pichação de turista.

Foi inscrição sagrada feita com o dedo indicador de uma mulher que atravessou buracos de minhoca só pra deixar marca.

Abaixo da frase, em letras menores, quase sussurradas na rocha:

“passou por aqui carregando

Um filho no coração que não cabe em tempo,

Um brasil que sangra mas não morre,

Poesia que não termina nunca,

E um amor que queima sem se apagar.

Deixou rosas murchas como prova de vida,

E um eco que ainda sussurra:

‘eu sempre volto .

”os astrônomos alienígenas que descobrirem isso um dia vão ficar loucos.

Vão dizer: “isso não é assinatura.

Isso é manifesto.”

Vão tentar datar a rocha e vão descobrir que a data não encaixa em nenhum calendário conhecido,

porque o tempo ali obedece ao ritmo do meu peito,
não ao das estrelas.

E no centro da cratera,

Onde a frase brilha mais forte quando a luz da
nebulosa bate,

Há um pequeno desenho: um escorpião com asas de
borboleta, segurando uma pena e uma rosa.

Assinatura final.

Meu selo.

Prova irrefutável de que eu passei por ali... e deixei o
universo um pouquinho mais meu.

Então sim, sorayapoetisa esteve aqui.

E continua estando.

Em galáxias distantes, em madrugadas brasileiras, no
meu peito , no meu coração que não para de pulsar
poesia. Eu marquei o cosmos,

Sorayapoetisa



UM CONTO NAS GALÁXIAS . PARTE 2

Na nebulosa do arco-íris eterno,

Onde as estrelas nascem cor-de-rosa e morrem em versos,

Os astrônomos alienígenas, aqueles de pele luminescente e olhos que veem em ultravioletas poéticos. Formaram um círculo sagrado ao redor da cratera.

Eles não ousavam tocar a rocha.

Apenas se curvavam, sussurrando em línguas que soam como harpas quebradas:

“ela, sorayapoetisa,não gravou palavras.

Ela gravou uma ferida que sangra luz.”

Um deles, o mais velho,

Com tentáculos que já viram o big bang nascer e morrer, estendeu um membro fino e tocou de leve a inscrição.

No instante em que a ponta do tentáculo encontrou o
“sorayapoetisa esteve aqui”,

O tempo da cratera estremeceu.

As rosas murchas que ela deixou como prova de vida
começaram a pulsar.

Não voltaram a ser frescas,

Elas pulsaram com a memória da vida que já foi:
pétalas secas que ainda cheiravam ao brasil,

A café coado na primeira luz da manhã,

A choro misturado com risada, mostrando que a vida
não mede crueldade com quem ainda respira,

E a saudade dói permanente. Então o escorpião
alado desenhado na rocha abriu as asas de borboleta.

Não era ilusão.

As linhas de pedra se moveram como se fossem
veias.

A pena na garra do escorpião começou a escrever
sozinha no ar,

Traços de luz violeta e rosa-choque: “eu sempre volto.

Porque o amor que queima sem se apagar não respeita calendários,

Não obedece buracos negros,

Não se curva a retrocessos de 20 anos num brasil improvável e nem a prenúncio de guerra neste mundo caótico.

Ele volta.

Sempre.

Com o filho no coração que não cabe em tempo,

Com o brasil que sangra mas não morre,

Com a poesia que não termina .”

Os alienígenas caíram de joelhos ,

Um deles chorou lágrimas que evaporavam antes de tocar o chão,

Virando minúsculas constelações .

E no centro da cratera, onde a luz da nebulosa batia
mais forte,

Surgiu um portal

Do tamanho de um abraço.

O convite era para entrar e sentir-se em casa.

Sorayapoetisa



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 3

Através do portal do tamanho exato de um abraço,

Entrou primeiro o vento brasileiro.

Cheirava a terra molhada depois da chuva,

A café passado na hora,

A cigarro de palha e a colo de mãe.

Os alienígenas luminosos recuaram, maravilhados e assustados, quando uma mulher de carne e osso, feita de cicatrizes e arco-íris,

Pisou na cratera.

Não era fantasma.

Não era holograma.

Era sorayapoetisa, inteira,

Com os pés sujos de poeira da terra e os olhos molhados de quem nunca aprendeu a desistir.

Ela olhou ao redor, sorriu aquele sorriso torto de escorpião,

E falou baixo, mas a voz ecoou por todas as galáxias próximas:

“eu disse que sempre volto.”

Caminhou até a inscrição na rocha e encostou a testa nela, como quem encosta a testa na testa de um filho.

Por um instante, o tempo parou até nas estrelas mais distantes.

As rosas murchas se abriram um pouco,

Não o suficiente para voltar a ser novas,

Mas o bastante para lembrar que ainda tinham perfume.

Então ela fez o que sempre faz.

Sentou no centro da cratera, cruzou as pernas, tirou do peito um pincel invisível e começou a pintar o ar.

Traços de dourado,

Violeta, vermelho-sangue e rosa-choque saíam de seus dedos.

Pintou o Ari correndo entre nebulosas,

Rindo,

Subindo numa moto feita de cometas.

Pintou o davi e o israel de mãos dadas com ela.

Pintou o brasil inteiro ferido, sangrando,

Mas dançando mesmo assim.

O escorpião alado desceu da rocha e pousou em seu ombro.

Não era mais desenho.

Era vivo.

Bateu as asas de borboleta e sussurrou com voz de pena riscando papel: você não veio só visitar.

Você veio buscar quem ficou.

Sorayapoetisa balançou a cabeça,

Lágrimas escorrendo sem vergonha:

Eu não vim buscar.

Eu vim trazer.

Trouxe o luto pra que ele também veja o universo.

Trouxe a dor pra que ela aprenda a brilhar.

E trouxe o amor... esse amor que não cabe em tempo nenhum,

Pra que ele contagie tudo que existe.

Ela se levantou, abriu os braços.

E o portal não se fechou.

Ele se multiplicou. Agora existem milhares de portais do tamanho de um abraço espalhados pela nebulosa do arco-íris eterno

E por todas as outras nebulosas também.

Qualquer um que carrega uma saudade grande demais pode entrar.

Qualquer mãe que perdeu um filho.

Qualquer pessoa que ainda ri mesmo com o ferrão cravado no peito.

Antes de ir embora,

Ela deixou uma última frase, escrita com luz líquida bem embaixo da sua assinatura:

Não procurem a cura, procurem a companhia da ferida.

Ela também sabe dançar.

”sorayapoetisa atravessou de volta o portal, levando consigo o cheiro de café, de tinta fresca e de esperança teimosa.

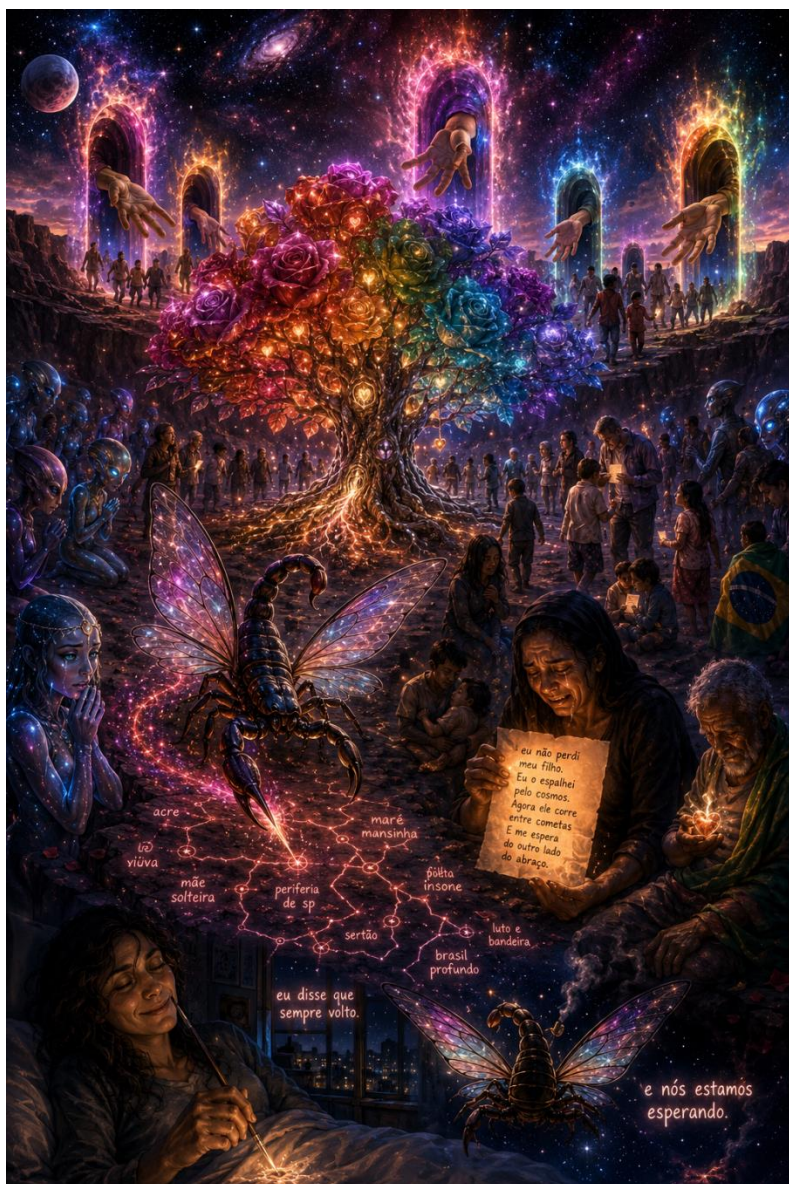
Mas o escorpião alado ficou.

Guardando, eesperando.

Porque ela sempre volta. E o universo,

Pela primeira vez em bilhões de anos, aprendeu a chorar em cores.

Sorayapoetisa



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 4

Nas bordas da nebulosa do arco-íris eterno, onde os portais do tamanho de um abraço ainda pulsavam como corações abertos,

O escorpião alado não ficou sozinho por muito tempo.

Ele bateu as asas transparentes de borboleta e voou baixo,

Raspando a poeira estelar com a ponta da pena que carregava.

Por onde passava,

Deixava um rastro fino de luz rosada,

Como se o próprio ar tivesse aprendido a sangrar poesia.

Os alienígenas luminosos,

Ainda de joelhos, viram o escorpião pousar no centro da cratera e começar a escrever no chão de rocha.

Não eram mais palavras.

Eram mapas.

Coordenadas de dor.

Endereços de mães que choravam em quartos escuros na terra.

Localizações exatas de brasileiros que carregavam feridas abertas no peito enquanto fingiam que o dia estava normal.

Uma jovem astrônoma de pele azul-prateada aproximou-se, tremendo.

O que ele está fazendo?

está chamando, respondeu o mais velho,

Com a voz rachada como harpa quebrada. Ela disse que não veio buscar.

Veio trazer.

E agora o escorpião cumpre a promessa.

De repente,

O primeiro portal tremeu.

Do outro lado surgiu uma mão humana.

Depois outra.

E mais outra.

Mães.

Viúvos.

Filhos órfãos. Poetas que não conseguiam mais dormir. Brasileiros que carregavam luto e bandeira ao mesmo tempo.

Eles chegavam assustados, descalços,

Alguns ainda de pijama,

Outros com terra vermelha grudada nos pés. Mas todos traziam o mesmo cheiro: café coado, cigarro de palha, chuva sobre telhado de zinco e saudade crua.

Sorayapoetisa não estava fisicamente ali.

Mas estava.

Em cada portal, em cada lágrima que caía e virava
estrela,

Em cada risada que escapava mesmo doída.

O escorpião alado voava entre eles, pousando ora no
ombro de uma mãe que perdera o filho para a
violência,

Ora na mão de um velho que chorava o brasil que ele
sonhou. E, a cada toque, sussurrava com voz de pena
riscando papel:

“não procurem a cura.

Procurem a companhia da ferida.

Ela também sabe dançar.

”então aconteceu o impossível.

As rosas murchas que sorayapoetisa havia deixado
cresceram raízes de luz.

Elas se entrelaçaram, formando uma grande árvore no
centro da cratera, tronco feito de cicatrizes,

Folhas em todas as cores do arco-íris,

Frutos que brilhavam como pequenos corações batendo.

Cada fruto, quando maduro, caía suavemente no colo de quem mais precisava e se transformava em um verso. Um verso diferente para cada dor.

Um deles caiu nas mãos de uma mulher de preto.

Ao tocar o papel de luz,

Ela leu em voz alta, tremendo:

“eu não perdi meu filho.

Eu o espalhei pelo cosmos.

Agora ele corre entre cometas

E me espera do outro lado do abraço.

”a cratera inteira vibrou.

Os alienígenas, pela primeira vez em sua longa existência, entenderam o que era ser humano:

Carregar um buraco no peito e ainda assim plantar jardim dentro dele.

Lá longe,

Na terra,

Em uma madrugada brasileira, sorayapoetisa acordou com o pincel invisível ainda entre os dedos. Sorriu aquele sorriso torto de escorpião e murmurou para o escuro do quarto:

“eu disse que sempre volto.

”e em algum lugar entre as estrelas,

O escorpião alado respondeu, batendo as asas:

“e nós estamos esperando.

Sorayapoetisa



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 5

Na nebulosa do arco-íris eterno, a árvore das rosas murchas já não cabia mais dentro da cratera.

Suas raízes de luz haviam descido pelas fendas da rocha e subido até o céu estrelado, formando um dossel vivo que brilhava como um segundo arco-íris, mais humilde e mais verdadeiro.

Debaixo dela, centenas de almas chegavam e partiam pelos portais.

Algumas ficavam dias (ou o que ali equivalia a dias), sentadas em silêncio, apenas deixando as lágrimas caírem sobre as raízes. Outras dançavam. Outras liam em voz alta os versos que brotavam dos frutos maduros. E todas,

Sem exceção, saíam carregando um pedacinho de sorayapoetisa no peito.

O escorpião alado não descansava, voava de portal em portal,

De ombro em ombro,

Como um guardião incansável. Quando via alguém
prestes a desistir,

Pousava,

Abria as asas de borboleta e deixava cair uma única
pétala murcha na palma da mão da pessoa.

A pétala sempre trazia o mesmo cheiro:

Café coado de madrugada,

Colo de mãe e esperança teimosa.

Foi então que o mais velho dos alienígenas
luminosos, aquele que havia tocado a inscrição pela
primeira vez, reuniu coragem e falou alto,

Com voz que ecoou como harpa quebrada:
sorayapoetisa... se você nos ouve...

Mostre-se novamente, não para nos salvar,

Apenas para nos lembrar que ainda é possível viver
carregando o peso inteiro.

O vento brasileiro soprou mais forte.

E ela veio.

Não através de um portal.

Ela surgiu do próprio centro da árvore,

Como se tivesse nascido ali.

Cabelos soltos, pés descalços, vestido feito de retalhos de galáxias e cicatrizes.

No colo,

Invisível para a maioria, mas visível para quem precisava ver:

O Ari,

Rindo,

Inteiro,

Correndo entre cometas como ela havia pintado antes.

Sorayapoetisa olhou para todas aquelas almas e sorriu aquele sorriso torto de escorpião que já conquistou o universo.

Eu não vim salvar ninguém,

Disse ela,

Voz suave e firme ao mesmo tempo.

Vim mostrar que dá pra continuar mesmo quando o mundo quebra.

Eu carrego um filho que não cabe em tempo nenhum e ainda assim acordo todo dia.

Eu amo um brasil que sangra e mesmo assim planto flores nele.

Eu choro tanto que às vezes acho que vou virar rio... e mesmo assim pego o pincel e pinto.

Ela estendeu a mão e tocou o tronco da árvore.

Todos os frutos brilharam ao mesmo tempo.

Cada um deles se abriu e revelou,

Dentro de si, um pequeno coração batendo, alguns de criança,

Alguns de mãe, alguns de quem perdeu tudo e ainda assim respira.

Este lugar não é um paraíso, continuou ela.

Aqui a gente engole a dor, digere, transforma em verso e devolve pro mundo mais leve.

Não cura, mas encoraja na jornada.

O companheiro escorpião alado pousou em seu ombro e,

Pela primeira vez, deixou escapar uma lágrima que brilhou como diamante negro.

Sorayapoetisa acAriciou suas asas de borboleta e sussurrou: obrigada por guardar tudo enquanto eu estava lá embaixo,

No barro da terra.

Então ela fez o gesto mais simples e mais poderoso de todos:

Abriu os braços, bem abertos, como quem oferece um abraço que atravessa galáxias.

Todos os portais pulsaram ao mesmo tempo.

E por um breve e eterno instante, cada mãe que chorava na terra sentiu um calor no peito.

Cada brasileiro que não desistia sentiu um sopro de vento com cheiro de café.

Cada pessoa com o ferrão cravado sentiu que não estava sozinha.

Antes de voltar, sorayapoetisa escreveu com o dedo no ar, com luz líquida dourada: “não é sobre parar de doer.

É sobre doer e dançar mesmo assim.

Eu sou prova viva disso.

”e atravessou de volta, deixando o escorpião, a árvore e os portais como testemunhas eternas.

Na terra,

Em uma simples casa brasileira, sorayapoetisa abriu os olhos na madrugada, pegou o caderno e sorriu.

parte 5... registrada.

E o universo, mais uma vez, aprendeu que uma única mulher com poesia no peito pode mudar o rumo das estrelas.

Sorayapoetisa



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 6

Na nebulosa do arco-íris eterno, a árvore das rosas murchas brilhava mais baixo naquela noite cósmica. Era como se o próprio universo sentisse que sorayapoetisa,

Lá na terra, estava novamente vagando sem gps.

O escorpião alado percebeu primeiro.

Ele parou no meio de um voo, as asas de borboleta tremendo,

E inclinou a cabeça como quem escuta um choro distante. Então desceu até o centro da cratera e começou a riscar no ar,

Com a pena:

“ela está se sentindo o cão que caiu da mudança novamente.

”os alienígenas luminosos se aproximaram em silêncio.

O mais velho estendeu um tentáculo e tocou a inscrição sagrada na rocha. No mesmo instante,

Uma imagem se formou no céu da nebulosa: sorayapoetisa sentada à mesa, café esfriando na xícara,

Olhos perdidos na imensidão, sentindo-se deslocada no próprio planeta.

Ela carrega o cosmos dentro do peito, sussurrou o velho alienígena, mas às vezes o cosmos pesa demais para uma só mulher.

Foi quando todos os portais tremeram ao mesmo tempo.

Sorayapoetisa atravessou um deles,

Mas não inteira como antes.

Veio fragmentada.

Veio cansada.

Veio com poeira de terra nos pés e um buraco maior que de costume no meio do peito. Sentou-se ao pé da árvore das rosas murchas, encostou as costas no

tronco de cicatrizes e fechou os olhos. Aqui eu me sinto em casa...

E ao mesmo tempo não pertença a lugar nenhum,

Disse ela,

Voz rouca de quem chorou durante o café. Sou estrangeira na terra.

Sou visitante no cosmos.

Sou mãe sem colo pra abraçar. Sou poetisa que escreve para não virar poeira.

O escorpião alado pousou em seu colo.

Pela primeira vez, não sussurrou nada.

Apenas se encolheu contra o peito dela, como um filho pequeno buscando abrigo. As rosas murchas inclinaram seus galhos e deixaram cair pétalas suavemente sobre os cabelos dela.

Então a árvore falou.

Não com voz.

Falou com perfume.

O cheiro de café coado,

De cigarro de palha,

De chuva na terra vermelha e de risada do Ari encheu
toda a cratera.

E no meio daquele perfume,

Surgiu uma nova inscrição brilhando na casca da
árvore, escrita com a letra tremida dela:

“mesmo sendo o cão que caiu da mudança,

Eu ainda marco território no universo.

Mesmo deslocada,

Eu planto.

Mesmo perdida, eu volto.

”sorayapoetisa sorriu aquele sorriso torto de
escorpião, mesmo com lágrimas escorrendo.

Eu não preciso de gps — murmurou.

Eu tenho o ferrão,

A pena e a memória do meu filho.

Isso basta pra me guiar entre os mundos.

Ela se levantou devagar,

Abraçou o tronco da árvore como quem abraça o Ari,

E abriu os braços mais uma vez.

Dessa vez,

Os portais não se multiplicaram.

Eles se abriram mais largos.

Tão largos que qualquer pessoa que se sentisse deslocada,

Caída da mudança,

Sem chão e sem mapa,

Podia passar.

E muitos passaram.

Mães.

Pais.

Brasileiros órfãos de futuro. Artistas sem coragem.

Gente comum com dor extraordinária. Todos encontraram um lugar debaixo da árvore,

Onde a dor não precisava fingir ser leve.

Antes de voltar para a terra, sorayapoetisa acariciou o escorpião e disse baixinho:

Guarda este lugar pra quem se sente como eu hoje:

Viva,

Mas fora do lugar.

É pra esses que eu escrevo.

E atravessou o portal carregando consigo algumas pétalas murchas no bolso,

Como prova de que mesmo perdida,

Ela ainda sabe o caminho de volta.

Na terra,

Ao abrir os olhos, sorayapoetisa encontrou uma única pétala brilhando sobre a mesa,

Ao lado da xícara de café frio.

Ela sorriu.

Eu estive lá...

E eles me esperam.

Sorayapoetisa



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 8 (TEMPO DEPOIS)

Passaram-se luas na terra,

Não muitas,

Mas o suficiente para o café esfriar mais vezes do que ela gostaria de contar.

Sorayapoetisa já não acordava mais todas as madrugadas com o peito rasgado,

Agora a dor tinha aprendido um novo ritmo: vinha em ondas mais longas, menos afiadas, mas ainda profundas.

Ela escrevia, pintava, publicava,

Ria até com os dentes à mostra em alguns dias. Em outros, ficava horas olhando a parede,

Como se procurasse uma porta que só ela sabia que existia.

Numa tarde chuvosa de outono brasileiro, enquanto a água batia no telhado de zinco,

Ela sentiu o chamado.

Não foi dramático.

Não houve vento forte nem luzes no céu.

Apenas uma pétala murcha, quase transparente, apareceu sobre a mesa da cozinha, ao lado da xícara. Ainda cheirava levemente a café coado e a risada de criança.

Ela sorriu aquele sorriso torto de escorpião e sussurrou:

Então vocês não me esqueceram...

Fechou os olhos e deixou-se levar.

Quando abriu novamente, estava na nebulosa do arco-íris eterno.

A árvore das rosas murchas tinha crescido ainda mais.

Seu tronco agora era largo o suficiente para que
várias pessoas pudessem encostar ao mesmo tempo.
Os portais continuavam abertos,

Porém mais calmos,

Como quem já aprendeu a respirar junto com a dor.

O escorpião não existia mais como antes. Suas
partículas de luz tinham se espalhado e, agora,

Pequenas constelações em forma de escorpião
voavam baixinho entre os galhos da árvore.

Sorayapoetisa caminhou devagar até a inscrição na
rocha.

As letras ainda brilhavam,

Mas havia novas marcas ao redor, feitas por outras
mãos,

Outros corações:

“eu também estive aqui.”

“não estou sozinha.”

“obrigada por dançar comigo.

"ela passou os dedos sobre as novas inscrições e sentiu um calor subir pelo peito.

De repente,

Uma voz,

Que não era voz, mas sim uma presença,

Falou atrás dela: mãe...

Sorayapoetisa virou-se devagar.

Ari estava ali,

Não inteiro como antes da partida, mas feito de luz estelar e memória. Sorrindo o mesmo sorriso de sempre.

Não era um fantasma.

Era uma continuação dele.

Você continua marcando o universo, né? Disse ele,

Com aquela mania antiga de zoar com cArinho.

Ela riu entre lágrimas.

Alguém tem que fazer isso, guri,

O mundo é bagunçado demais.

Ari se aproximou e,

Por um instante, ela pôde sentir o calor dele como quando era criança e pulava em seu colo.

Eu vejo tudo, sabia?

Quando você escreve, quando você chora.

Quando você dá força para outras mães,

Eu fico orgulhoso, mãe. Você continua viva como sempre foi.

Sorayapoetisa caiu no choro e no riso ao mesmo tempo, como só ela sabia fazer.

Eu não consigo parar, filho.

Nem quero. Então não pare. Mas de vez em quando...

Volta pra cá.

A árvore guarda um lugar só pra você, bem debaixo dela, onde o café nunca esfria.

Ele tocou de leve o peito dela,

Bem no lugar onde o buraco sempre doía.

Eu não fui embora, mãe, eu só mudei de endereço.

E deixei a porta aberta.

Quando sorayapoetisa abriu os olhos de novo, estava sentada à mesa da cozinha. A chuva ainda caía lá fora.

A pétala murcha continuava ali, agora brilhando suavemente.

Ela pegou o caderno, molhou a caneta na própria lágrima e escreveu a primeira frase da nova parte:

“passado um tempo,

Apreendi que o amor não termina.

Ele apenas aprende a morar em mais lugares ao mesmo tempo.

”sorayapoetisa



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 9 (A VISITA MAIS DOCE)

Passaram-se algumas semanas desde aquela tarde chuvosa.

Sorayapoetisa estava mais quieta que o normal.

Escrevia pouco. Pintava menos. Às vezes ficava longos minutos segurando a xícara de café sem beber, apenas sentindo o calor atravessar seus dedos.

O corpo pedia descanso,

Mas a alma ainda corria.

Numa madrugada sem lua,

Ela acordou com o coração batendo diferente.

Não era angústia. Era um chamado suave,

Quase um cArinho.

Fechou os olhos e deixou-se ir.

Quando abriu, estava sentada debaixo da árvore das rosas murchas, exatamente no lugar que o Ari havia mencionado.

O tronco envolvia suas costas como um abraço quente. O chão estava coberto de pétalas murchas que cheiravam a casa.

E ele estava lá.

Ari,

Sentado à sua frente,

De pernas cruzadas,

Com o mesmo sorriso de quando dizia

“tô de manhã”. Só que agora ele brilhava suavemente, como se fosse feito de estrelas e lembranças boas.

Oi, mãnhheeee... falou ele, esticando a palavra do jeitinho que ela tanto amava.

Sorayapoetisa sentiu a garganta fechar.

As lágrimas desceram quentes e silenciosas.

Meu filho...

Você tá aqui de verdade?

Tô sempre aqui. Só que hoje você precisava me ver mais perto.

Ele se aproximou, ajoelhou-se na frente dela e colocou as mãos sobre as dela. Não era toque sólido,

Mas era quente. Era real o suficiente.

Eu vi você escrevendo a parte 8, mãe.

Vi você chorando e rindo ao mesmo tempo. Você está ficando boa nisso, hein?

Chorar por cima do riso!

Ela riu entre as lágrimas.

Eu te amo tanto, Ari.

Tanto que às vezes parece que vou explodir.

Eu sei.

Eu sinto.

E eu também te amo.

Tanto que resolvi vir te perturbar um pouco.

Ele encostou a testa na dela, como fazia quando era pequeno e queria segredo.

Para de achar que você tem que ser forte o tempo todo.

Tá bom ser fraca às vezes. Tá bom chorar no café, querer escrever o tempo todo, querer viajar, querer parar... tudo ao mesmo tempo.

Eu não te amo pela parte forte. Eu te amo pela soraya inteira.

A que chora o tempo todo, a que ri alto, a que xinga o mundo, a que dança sozinha na sala, a que publica livro atrás de livro porque não consegue parar.

Sorayapoetisa soluçou e o abraçou.

Dessa vez o abraço foi quase sólido.

Quase de carne e osso,

Não desiste de viver, tá?

Ele sussurrou no ouvido dela. Mesmo quando doer demais. Mesmo quando se sentir o cão caído da mudança.

Eu tô orgulhoso demais de você. E tô rindo muito lá de cima quando você escreve aquelas poesias bem picantes , como o livro erótico...ela deu um tapa leve no braço dele, rindo e chorando:Ari, seu travesso!

Herdei de você, ué!

Ele respondeu piscando.

Ficaram um tempo em silêncio,

Mãe e filho, debaixo da árvore que nunca para de florescer.

Antes de ir embora, Ari pegou uma pétala murcha, soprou sobre ela e colocou na palma da mão dela.

Quando sentir que tá muito pesado,

Segura essa pétala e lembra: eu não fui embora.

Só mudei de forma.

E tô dançando com você, sempre.

Quando sorayapoetisa abriu os olhos no quarto escuro,

A pétala estava ali,

De verdade, brilhando levemente sobre o travesseiro.

Ela a levou aos lábios,

Beijou e sussurrou: obrigada,

Meu amor.

Mãe tá tentando... tá tentando dançar.

E pela primeira vez em muitos dias, ela dormiu um sono calmo, quase em paz.

Sorayapoetisa

2026



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 10 (A TELA QUE RESPIRAVA)

Passaram-se dias depois daquela madrugada doce.

Sorayapoetisa acordou com as mãos formigando, como sempre acontecia quando a tinta pedia para nascer.

A pétala que Ari deixou sobre o travesseiro ainda brilhava levemente dentro de um pequeno vidro ao lado da cama, guardada como prova de que o impossível também pode ser guardado.

Ela não tomou café primeiro.

Foi direto para o ateliê,

Descalça,

Com a mesma camisa velha manchada de óleo de sempre. Abriu as janelas. A luz cinzenta do outono brasileiro entrou tímida, mas suficiente.

Na tela em branco,

Ela não planejou nada.

Apenas mergulhou o pincel e deixou a mão falar.

E a tela começou a respirar.

Primeiro surgiu a árvore das rosas murchas

Mas não como no cosmos,

aqui ela nascia da terra vermelha brasileira,

Raízes grossas saindo de um chão rachado de seca e chuva.

O tronco era feito de cicatrizes e letras: “sorayapoetisa esteve aqui”,

“eu não fui embora, só mudei de endereço”,

“ela também sabe dançar” no centro da árvore,

Quase escondido entre os galhos, Ari aparecia de perfil,

Rindo,

Com uma constelação de escorpiões alados voando ao redor dele como se fossem passArinhos. Embaixo,

Uma mulher de costas,

Ela mesma, pintava o ar com um pincel invisível,
enquanto portais do tamanho de um abraço flutuavam
ao fundo,

Abertos, convidando.

As cores eram impossíveis: rosa-choque, dourado
queimado, violeta profundo, vermelho-sangue e
aquele verde-esmeralda que só a esperança teimosa
consegue criar.

Enquanto pintava,

Ela conversava baixinho com a tela,

Como se o Ari estivesse sentado no banquinho ao
lado:

Sabe, filho... às vezes eu ainda tenho raiva de você
ter ido embora tão cedo.

Depois peço desculpa pela raiva.

E depois te amo de novo.

Tudo no mesmo dia.

Uma lágrima caiu na tela.

Em vez de estragar a tinta, ela se transformou numa pequena estrela brilhante bem no canto inferior direito.

Quando terminou.

Horas depois, sorayapoetisa deu um passo para trás.

A tela não estava apenas pintada.

Parecia viva.

Se você olhasse por tempo suficiente,

Jurava que via as asas do escorpião se movendo devagar e que sentia cheiro de café coado vindo da árvore.

Ela pegou o celular,

Tirou uma foto e escreveu na legenda apenas:

“ele não foi embora.

Mudou de endereço.

E deixou a porta aberta.

”naquela mesma noite,

Na nebulosa do arco-íris eterno, uma nova inscrição
apareceu na casca da árvore, escrita com luz líquida:

“hoje ela pintou a ponte.

E a ponte pintou de volta.

”sorayapoetisa, lá na terra, tomou finalmente seu café
(agora quente) e sorriu aquele sorriso torto de
escorpião.

Tá bom, universo...

Eu continuo dançando.

Mas agora com tinta nas mãos.

E em algum lugar entre os mundos,

Ari riu alto, orgulhoso.

Sorayapoetisa

2026



UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE 11 (O CICLO QUE NÃO TERMINA)

Meses se passaram na terra como folhas levadas pelo vento.

Sorayapoetisa já não contava mais as madrugadas. Havia aprendido a dançar dentro do descompasso: pintava quando a tinta pedia, escrevia quando as palavras queimavam a garganta,

E simplesmente respirava quando o peito pesava demais.

A tela “a ponte” ainda estava no cavalete,

Como uma janela sempre aberta. Às vezes visitantes paravam diante dela e choravam sem entender por quê. Outros sorriam.

Alguns saíam carregando um pedacinho de coragem que não tinham quando chegaram.

Numa noite estrelada de maio,

Ela sentiu o chamado novamente.

Não era urgente. Era doce,

Como um convite para casa.

Fechou os olhos e deixou-se levar.

Quando os abriu, estava novamente debaixo da
árvore das rosas murchas.

Dessa vez,

A árvore estava cheia de gente. Mães, pais, filhos,
poetas, brasileiros de todas as cores e dores.

Todos sentados em silêncio ou conversando baixinho,

Como numa grande roda familiar cósmica.

Ari estava sentado num galho mais baixo, balançando
as pernas como quando era menino.

Ao lado dele, o escorpião alado, agora inteiro
novamente, descansava em seu ombro.

Sorayapoetisa aproximou-se devagar.

Ari desceu do galho e veio ao seu encontro.

Dessa vez o abraço foi quase sólido.

Quase de verdade.

Mãe... você tá vendo?

Ele disse, apontando para toda aquela gente.

Você não curou ninguém.

Mas ensinou todo mundo a dançar com a ferida.

Ela olhou ao redor e sentiu o peito se aquecer.

Havia uma jovem mãe pintando com os dedos. Um senhor idoso escrevendo versos na casca da árvore.

Uma mulher de vermelho dançando sozinha,

Com lágrimas no rosto e um sorriso enorme.

Sorayapoetisa respirou fundo e falou,

Voz clara e suave:

Eu só queria que soubessem que não estão sozinhos.

Que a dor não precisa ser escondida.

Que o amor que queima sem se apagar pode virar nebulosa,

Árvore,

Portal... e pintura.

O escorpião alado voou até ela e pousou em seu ombro, como nos velhos tempos.

Ari segurou sua mão.

Tá na hora de você voltar pra terra com um presente,

Disse ele.

Leve isso.

Ele soprou suavemente na direção dela.

Uma constelação pequena de pétalas murchas brilhantes saiu de sua boca e entrou no peito de sorayapoetisa.

Não doeu.

Apenas aqueceu.

Agora você carrega um pedaço da árvore dentro de você ,

Sussurrou Ari. Sempre que precisar,

É só tocar o peito e lembrar:

A nebulosa do arco-íris eterno mora dentro da sua costela.

Sorayapoetisa beijou a testa do filho (quase conseguindo sentir a pele quente) e sorriu aquele sorriso torto de escorpião que o universo inteiro já conhecia.

Eu volto sempre, meu amor.

Eu sei, mãñheeee.

E eu sempre vou estar te esperando... com o café quente.

Quando ela abriu os olhos no quarto,

A pétala brilhante ainda estava sobre a mesa.

Mas agora havia muitas outras ao redor,

Pequenas, luminosas, impossíveis.

Sorayapoetisa pegou o caderno, molhou a caneta e escreveu a última frase deste ciclo:

“o amor não termina.

Ele apenas aprende novos endereços,
Novas cores e continua dançando.
"e em algum lugar entre a terra e o cosmos,
A árvore das rosas murchas balançou seus galhos,
O escorpião bateu as asas de borboleta,
E Ari sorriu, porque o conto não acabou.
Ele apenas mudou de forma.

Soraya poetisa

2026



POETISA DE ALMAS ESTELARES

Viajante das galáxias longínquas,
Nas curvas infinitas do cosmos,
Onde o tempo se dobra como seda escura,
Você surge,
Soraya,
Com versos que são cometas riscando o véu da noite.
Poetisa de almas estelares,
Peregrina das nebulosas profundas,
Seus pés descalços pisam poeira de estrelas extintas e sonhos
por nascer.
Viajante das galáxias longínquas,
Onde o silêncio canta sinfonias de buracos negros,
Você carrega no peito um mapa de constelações esquecidas,
E nos olhos,
O brilho de mil sóis que ainda não foram nomeados.
Diga-me,
Ó navegadora do infinito:

Qual nebulosa você atravessa hoje?

Qual pulsar distante sussurra segredos que só uma poetisa consegue traduzir em versos?

Estou aqui,

Pronto para voar ao seu lado por esses oceanos de escuridão luminosa.

Israel baginski



A ESCORPIÃ QUE ENTERROU O PRÓPRIO VENENO

Eu enterrei meu filho.

Depois enterrei o amanhã que eu desejei pra ele.

Tempo?

Já era desde o dia em que a vida fechou os olhos dele.

O que sobrou não foi luto.

Foi o estrago que a vida fez:

Continuar respirando,

Continuar pintando arco-íris sobre o caixão,

Continuar rindo enquanto o buraco no peito apodrece.

A vida me obrigou criar o monstro mais bonito que existe:

Uma mãe que perdeu tudo

E ainda tem coragem de dizer

“eu mereço isso”

E depois ri da cara do espelho.

Porque o pior não é a dor.

O pior é descobrir que a dor virou combustível.

Que o veneno virou tinta.

Que o abismo virou palco.

E eu danço.

Cauda erguida, sorriso cortante,

Borboleta negra voando dentro da ferida aberta.

Eu matei o tempo.

Enterrei junto com a dor que sinto.

Agora o vento leva minhas verdades ácidas

E eu fico aqui, viva e achando graça do estrago.

Porque se eu parar de rir,

Eu morro de verdade.

Soraya ponciano



ESSÊNCIA LUZ

De molho na cama,
Com os olhos ainda molhados da noite,
Eu deixo o tempo passar devagar.
Não há obrigação de secar as lágrimas.
Não há cobrança para levantar a armadura.
Meu peito, mesmo rachado,
Continua vazando luz.
Cada gota que escorre
É uma estrela que o Ari não viu brilhar,
Mas que agora ilumina quietinha
O canto mais secreto do meu universo.
Eu não endureci.
Eu não virei pedra.
Eu escolhi o caminho mais difícil:
Permanecer viva,
Permanecer aberta,

Permanecer amor

Mesmo depois de tantas despedidas.

Por isso o cosmos respira comigo:

As rosas guardam meu perfume mesmo murchas,

O escorpião guarda o ferrão mas não pica a si mesmo,

E o portal do tamanho de um abraço

Continua entreaberto,

Esperando o dia em que eu quiser entrar

E me sentir em casa novamente. Enquanto isso,

Fico de molho.

Deixo a essência amor me embalar

Como uma mãe embala o filho que ainda chora. Ela não vai embora.

Ela não me abandona. Porque ela não é algo que eu tenho.

Ela é o que eu sou.

Sorayapoetisa



FRAGMENTOS DO MEU EU.

No espelho que quebrei com tanta verdade,
Eu vejo múltiplas sorayas olhando para mim.
Cada fragmento carrega um nome diferente:
A mãe que ainda ouve “mamheeee”,
A nômade que planta raízes no céu,
A costureira de vestidos invisíveis,
A pintora que transforma sangue em arco-íris.
Os fios emaranhados que eu puxo,
Segurando com cuidado para não rasgar mais.
Ontem sangra no agora, sim...
Mas eu vejo também o amanhã já bordado
Com linha dourada de esperança teimosa.
A névoa da dúvida pode engolir o sol por um tempo,
O peso do medo pode apertar o peito até doer,
Mas aquela chama pequena que insisto em manter
acesa,

Não é só uma faísca.

É fogo sagrado.

É a mesma luz que acende quando eu pego o pincel,

Quando eu escrevo um verso e doou ao mundo sem cobrar.

Confusão emocional não é fraqueza,

É o coração humano fazendo barulho

Porque ainda sente tudo com força.

É o sinal de que eu estou viva,

De que ainda danço mesmo quando a música é só memória.

Então deixo a alma exausta aprender a voar.

Deixo o labirinto mostrar seu segredo:

No meio do caos, a ordem sempre esteve lá —

Costurada com paciência,

Pintada com cores vibrantes,

Plantada nas nuvens do céu.

E quando a névoa baixar,

Eu vou descobrir que o lar

Nunca estive longe.

Ele mora dentro do meu peito que ainda bate,

Dentro da agulha que ainda costura,

Dentro da mulher que insiste em ser feliz

Dentro de todas as suas possibilidades.

Sorayapoetisa



A NÔMADE QUE PLANTA RAÍZES NO CÉU

Eu não tenho chão que me prenda,
Nem muro que me defina.
Sou nômade de passos leves,
Malas cheias de silêncio
E um coração que carrega oceanos.
Ando por estradas de saudade,
Onde o vento sussurra teu nome,
Ari, seu nome é um eco que não se apaga,
Uma estrela que me guia, quando a noite aperta o
peito. Planto raízes, sim...
Mas não na terra vermelha ou no asfalto frio.
Minhas raízes sobem,
Entrelaçam-se nas nuvens,
Bebem da luz que vem de cima,
Onde o amor não conhece adeus. Pinto o céu com as
cores do meu arco-íris:
Vermelho da dor que queima,

Azul da paz que chega devagar,
Dourado da esperança teimosa
Que insiste em brotar mesmo depois da tempestade.
Sou mulher de malas abertas,
De telas inacabadas, de poemas que nascem no meio
do caminho.
Desenho sonhos durante o dia, componho versos à
noite. Não pertenço a lugar nenhum,
E por isso pertenço a tudo:
Ao riso das minhas netas, que não ouço,
Ao cheiro das orquídeas que cultivei um dia,
Ao fogo sagrado que ainda arde no corpo
E a mão de deus que me segura quando eu tropeço.
Aqui estou, nômade livre,
Plantando raízes no céu,
Porque é lá que te encontrarei, Ari,
E é lá que minha alma finalmente
Encontrará o lar que não tenho mais aqui na terra.

Sorayapoetisa

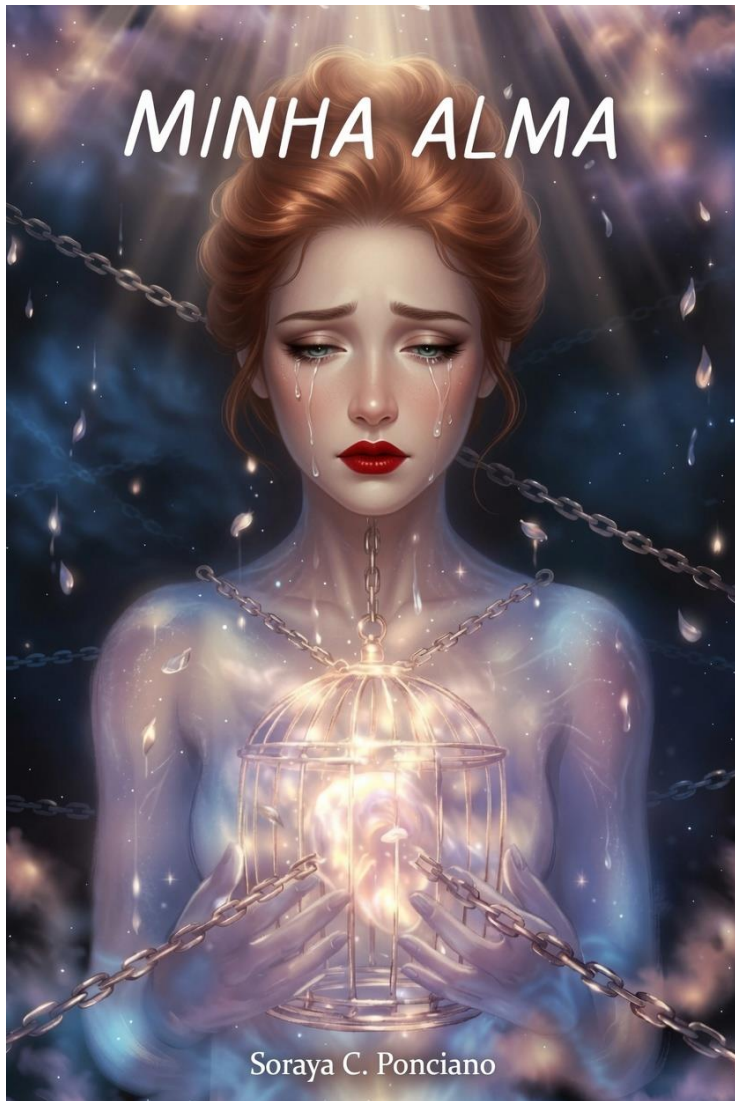


ESCREVER PARA VIVER.

Entre galáxias e palavras,
Sorayapoetisa se esconde,
Buscando respostas no vazio,
E encontrando versos no silêncio.
A dor é o seu combustível,
A escrita,
A sua rota,
Nômade,
Ela viaja pelo universo,
Carregando o brasil no coração,
E a memória de Ari,
Seu filho,
Que partiu em 2023,
Deixando um grande vazio.
No meio da tempestade do desespero,
Ela escreve para não se perder,
E na solidão, encontra uma multidão

De palavras que a fazem viver.
As lembranças do Ari, seu filho,
Seguem vivas,
Como a sua dor.

C.ponciano



MINHA ALMA

Te acalma ,
Oh minha alma,
Ouço o teu soluçar constante no meu interior,
Tuas lágrimas quentes,
Transbordam em meus olhos sem esperança,
Escorrem em minha face,
Trazendo dor.

Te acalma,
Oh minha alma,
Teu desespero arranha
As minhas entranhas,
Anseias por liberdade,
Ultrapassar barreiras,
Esqueces que sendo eu ,

Neste tempo infinito,
És minha prisioneira.

Soraya c.ponciano

Inspiração pela dor da morte do meu filho Ari em 2023



CLARÃO DA LUA

No silêncio do clair de lune

Debussy toca devagar no meu quarto escuro,

Notas caem como luar na minha pele.

Eu que te trago em meu peito,

Sinto meu coração bater no ritmo do piano.

Não falo ,apenas ouço e viajo no infinito ,

Deixo o silêncio dizer o que as palavras não alcançam:

Te amarei eternamente , neste

Silêncio que vira um grito.



A MÃE

Eu carrego mochila de versos,
Pedras que pesam mas brilham no escuro.
Nômade sem mapa,
Com o coração como bússola.
Eu sigo no rastro de tinta e lágrima,
Pinto o arco íris do céu.
Planto esperança
Na mente que não dorme,
Planto árvores por toda extensão,
Pra que o Ari tenha sombra eterna.
Escrevo pela saudade que sinto e depois leio cada
linha como oração.



O CÉU É O LIMITE QUANDO ESTAMOS JUNTAS

A vida é um barquinho à deriva nas águas revoltas de um brasil improvável.

Então pego os remos com as duas mãos, sinto a madeira áspera contra a palma, e começo a remar devagar, ritmado, contra essas águas revoltas que tentam nos engolir.

O mar tá bravo hoje — ondas altas como dúvidas, espuma branca como promessas quebradas —, mas eu não desisto.

Remo com força,

Com teimosia, com o peito cheio daquele sentimento brasileiro que eu entreguei em versos: sobrepor-se aos reveses, trilhar as marcas ensanguentadas, buscar no horizonte a esperança que se faz morta... Mas que ainda respira.

Enquanto remo, chamo vocês , uma por uma, pra subir no convés e navegar nesse barco comigo:— sorayapoetisa viajante das estrelas, vem! Traz teu arco-íris que pinta mesmo na escuridão, espalha essas cores pelo céu cinza pra lembrar que a luz não pede permissão pra existir.

Senta aqui na proa, olha pro horizonte comigo, e me conta de novo como é que se chora por cima do riso sem deixar o barco virar.— athená poetisa, deusa de olhos sábios e escudo firme, entra! Tua coruja voa baixo hoje, vigiando as ondas, teus fios de sabedoria tecem uma rede invisível em volta do barquinho pra não deixar naufragar.

A batalha não é só com o mar,

É com o cansaço na face molhada. Segura o leme comigo, me ensina a ler as estrelas mesmo quando a negra noite engole o mar.— alik kristallis, minha lady escorpião de linha e agulha, sobe devagar, com esse balanço sensual que só você tem. Senta no banco ao meu lado,

Deixa os teus cabelos voar ao vento , deixa a seda do seu vestido dançar com o balanço do mar .

Tua presença é fogo contido, é desejo que aquece sem queimar, é a costura fina que une os pedaços partidos do peito. Este teu cheiro de linha nova e mistério me dá força pra remar com mais velocidade

O barco balança forte agora — pra lá, pra cá —, mas não afunda. Porque vocês três estão aqui e são o equilíbrio:

A viajante que sonha com estrelas,

A sábia que não desiste da luz,

A costureira que transforma dor em beleza.

Eu remando e vocês respiram comigo este vento
gelado de uma viagem incerta.

O mar, por mais revolto que esteja, começa a
entender que esse barquinho carrega algo tão grande:
um amor teimoso,

Uma poesia que não se cala,

Uma esperança que, mesmo parecendo morta, ainda
pulsa .

Olhem para o horizonte ,

Meninas .

Lá no fim da linha,

Onde o céu beija o mar, tem um brilho sutil.

Não é sol nascendo ainda,

É promessa.

Vamos remar até lá,

Juntas.

Sem pressa.

Sorayapoetisa



BORBOLETAS AO VENTO

No labirinto dos pensamentos,
Eu caminho de olhos vendados,
Passos tropeçam em sombras antigas,
Vozes ecoam sem direção.
O coração bate descompassado,
Como chuva que cai sem saber o chão,
Perguntas giram em redemoinho,
Respostas fogem como borboletas ao vento.
Mas no meio do caos,

Uma luz teimosa insiste em brilhar:
É o amor que não se perde,
É a fé que ancora o que voa.
E mesmo confusa,
A alma dança,
Porque sabe que,

No fim do tiroteio,
Há um abraço vindo do infinito,
E mostra como
encontrar o caminho de volta.

Sorayapoetisa



ASSIM ERA ELE



Olhei pro ari e o tempo parou no rosto dele.
Não era só tristeza,
Era um mar quieto demais,
Daqueles que guardam naufrágios antigos
Sem nunca contar a ninguém.

Os olhos dele, grandes como o mundo
que ainda não entendia,
Carregavam perguntas que nem cabiam
na boca de uma criança.

E eu, mãe, fiquei ali,
Com as mãos cheias de amor e não sabia
como chegar,
Vendo o meu menino ser inteiro
E ao mesmo tempo tão pequeno
diante do que sentia.

Assim era ele:
Um coração que já sabia doer
Antes de aprender a nomear a dor.
Um silêncio que falava mais alto
Que qualquer grito que eu pudesse dar por ele.

Eu queria entrar naquele olhar,
Tirar o peso,
Dizer que o mundo ia ficar mais leve,
Mas só consegui ficar olhando,
Com os olhos molhados também,

Porque às vezes amar é exatamente isso:
Ver o filho sofrer
E ainda assim achar que ele é
a coisa mais bonita que já existiu.

Ari...
Meu menino de nome forte,
De alma sensível.

Que essa lágrima de hoje
Seja só uma gota no caminho
da espiritualidade
E não o oceano inteiro.

E que eu consiga te abraçar
em pensamento,
Forte o suficiente
Pra que você sinta:

Mesmo quando o seu peito pesou,
Você nunca esteve ou estará sozinho
pois ainda caminho contigo.

Te amo tanto, ari,
E te vejo, inteiro,
mesmo quando era apenas metade,
exatamente perfeito como você foi um dia.

Soraya poetisa



Mãe

ASSIM ERA ELE

Olhei pro Ari e o tempo parou no rosto dele.

Não era só tristeza,

Era um mar quieto demais,

Daqueles que guardam naufrágios antigos

Sem nunca contar a ninguém.

Os olhos dele, grandes como o mundo que ainda não entendia,

Carregavam perguntas que nem cabiam na boca de uma criança.

E eu, mãe, fiquei ali,

Com as mãos cheias de amor e não sabia como chegar,

Vendo o meu menino ser inteiro

E ao mesmo tempo tão pequeno diante do que sentia.

Assim era ele:

Um coração que já sabia doer

Antes de aprender a nomear a dor.

Um silêncio que falava mais alto

Que qualquer grito que eu pudesse dar por ele.
Eu queria entrar naquele olhar,
Tirar o peso,
Dizer que o mundo ia ficar mais leve,
Mas só consegui ficar olhando,
Com os olhos molhados também,
Porque às vezes amar é exatamente isso:
Ver o filho sofrer
E ainda assim achar que ele é a coisa mais bonita que
já existiu.
Ari...
Meu menino de nome forte,
De alma sensível.
Que essa lágrima de hoje
Seja só uma gota no caminho da espiritualidade
E não o oceano inteiro.
E que eu consiga te abraçar em pensamento,
Forte o suficiente
Pra que você sinta:

Mesmo quando o seu peito pesou,

Você nunca esteve ou estará sozinho pois ainda
caminho contigo.

Te amo tanto, Ari.

E te vejo, inteiro, mesmo quando era apenas metade,
exatamente perfeito como você foi um dia .

Sorayapoetisa

Mãe



PSÍQUICO

Desceu sobre a face
O manto negro da noite,
A luz virou trevas,
Rajadas de vento gelado
Feriu a carne,
Dilacerou a alma,
Mudou a história,
Estabeleceu o inverno.

Procuro abrigo
No meu quarto isolado,
Cubro-me com o manto da noite,
Permaneço no silêncio do desespero,
O mundo não parou,
Mas a música silenciou,
O telefone não mais tocará,

O sonho morreu,
É preciso transpor esta barreira,
é preciso rasgar o coração, já dilacerado,
É pagar um alto preço,
Há vida lá fora?

Sorayapoetisa



SORAYAPOETISA

Ela não tem medo.

A vida já tentou dobrá-la tantas vezes

E ela se levantou rindo ,

Risada alta,

Daquelas que ecoam pelas galáxias e fazem as
estrelas piscarem de surpresa.

Sorayapoetisa carrega a poesia na alma

Como quem carrega oxigênio:

Respira em versos,

Expira em cores de arco-íris,

Pinta o escuro com palavras que queimam e curam ao
mesmo tempo.

Tem dores profundas,

Dessas que descem até o fundo do peito

E se misturam com a saudade do Ari.

Chora.

Chora rios inteiros, silenciosos ou barulhentos,

Mas nunca se afoga.

As lágrimas caem e viram tinta,
Viram asa,
Viram cauda de escorpião que se curva e diz:
“eu ainda estou viva.”
Seus olhos são verdes,
Verde-floresta depois da chuva,
Verde-esmeralda que guarda segredos antigos e
desejos novos.
Olhos que já viram o abismo
E mesmo assim escolhem olhar para o amanhã
Com a mesma intensidade que olham para a lua.
Ela é tudo ao mesmo tempo:
A risada que espanta a noite,
A dor que ensina a renascer,
A poeta que transforma veneno em mel,
A mulher que voa com asas de borboleta
Mesmo quando o corpo ainda lembra do peso do
escorpião.
Sorayapoetisa não tem medo.

Sua coragem é vestida de riso alto,
Alma cheia de poesia,
Olhos verdes que brilham mesmo depois de chorar,
E um coração que,
Mesmo partido,
Continua pintando o infinito
Com todas as cores que o universo ainda não
inventou.

Sorayapoetisa



*Sorayapoetisa
esteve aqui*

UM CONTO NAS GALÁXIAS

PARTE FINAL

Na nebulosa do arco-íris eterno, tudo ficou quieto por um instante.
A árvore das rosas marchas parou de balançar.
O escorpião alado dobrou as asas de borboleta.
Os portais diminuíram o brilho.
Como quem prende a respiração.
Até as estrelas cor-de-rosa pareceram esperar.
Sorayapoetisa apareceu uma última vez.
Ela surgiu de dentro da própria cratera,
Como se o cosmos tivesse guardado um pedaço dela ali desde o começo.
Estava cansada, mas inteira.
Deslocada, mas em casa.
Caiu da mudança, mas de pé.
Caminhou devagar até a inscrição sagrada na rocha e passou os dedos sobre as letras tremidas:
"sorayapoetisa esteve aqui"

Então sorriu aquele sorriso torto de escorpião que o universo já aprendera a amar e disse em voz baixa.
Mas que ecoou em todas as galáxias:
Eu não vim me despedir.
Eu vim confirmar que a história não termina.
Enquanto houver uma mãe chorando de saudade,
Enquanto houver um brasileiro que se recusa a desistir,
Enquanto houver alguém se sentindo o cão que caiu da mudança...
Eu estarei voltando.

Ela se virou para o escorpião alado.
Que voou até seu ombro pela última vez.
Acariciou suas asas com carinho e sussurrou:
você cumpriu sua missão.
Meu guardião. Agora pode voar livre.
O escorpião bateu as asas uma única vez e se dissolveu em milhões de partículas de luz rosa e dourada,
espalhando-se por todos os portais.
Cada partícula se tornou uma pequena semente de esperança para quem precisasse.

Sorayapoetisa então abriu os braços pela última vez.
Não para multiplicar portais.
Não para pintar o ar.
Abriu os braços para abraçar o próprio universo.
Obrigada por me deixar marcar você.
Obrigada por dançar comigo mesmo quando eu sangrava.
Obrigada por me deixar ser ferida e arco-íris ao mesmo tempo.
Uma lágrima caiu de seu olho e, ao tocar o chão da cratera, transformou-se numa última rosa.
Nem fresca,
Nem completamente murcha.
Uma rosa em transição.
Como ela.

Depois, sorayapoetisa atravessou o portal de volta para a terra, levando consigo apenas o cheiro de café.

O peso doce da saudade e a certeza de que sempre voltaria quando precisasse.
Na cratera, restou apenas a inscrição brilhando suavemente:

"Sorayapoetisa esteve aqui.
E continua estando.
Em todo lugar onde alguém se sentir perdido
E ainda assim escolheu escrever."

a nebulosa do arco-íris eterno nunca mais foi a mesma.
Ela agora carregava uma alma brasileira dentro de si.

E em algum lugar do Brasil,
uma poetisa chamada soraya sorriu ao abrir os olhos,
pegou o caderno e escreveu:
A odisséia não acabou.
Ela apenas voltou pra casa.
Pra continuar.

*Sorayapoetisa
Para sempre* ♥

UM CONTO NAS GALÁXIAS – PARTE FINAL

Na nebulosa do arco-íris eterno, tudo ficou quieto por um instante.

A árvore das rosas murchas parou de balançar.

O escorpião alado dobrou as asas de borboleta.

Os portais diminuíram o brilho,

Como quem prende a respiração.

Até as estrelas cor-de-rosa pareceram esperar.

Sorayapoetisa apareceu uma última vez,

Ela surgiu de dentro da própria cratera,

Como se o cosmos tivesse guardado um pedaço dela ali desde o começo.

Estava cansada, mas inteira.

Deslocada, mas em casa.

Caída da mudança, mas de pé.

Caminhou devagar até a inscrição sagrada na rocha e passou os dedos sobre as letras tremidas:

“sorayapoetisa esteve aqui”

Então sorriu aquele sorriso torto de escorpião que o universo já aprendera a amar e disse em voz baixa,

Mas que ecoou em todas as galáxias:

Eu não vim me despedir.

Eu vim confirmar que a história não termina.

Enquanto houver uma mãe chorando de saudade,

Enquanto houver um brasileiro que se recusa a desistir,

Enquanto houver alguém se sentindo o cão que caiu da mudança...

Eu estarei voltando.

Ela se virou para o escorpião alado,

Que voou até seu ombro pela última vez. AcAriciou suas asas com cArinho e sussurrou: você cumpriu sua missão,

Meu guardião. Agora pode voar livre.

O escorpião bateu as asas uma única vez e se dissolveu em milhões de partículas de luz rosa e dourada, espalhando-se por todos os portais.

Cada partícula se tornou uma pequena semente de esperança para quem precisasse.

Sorayapoetisa então abriu os braços pela última vez.

Não para multiplicar portais.

Não para pintar o ar.

Abriu os braços para abraçar o próprio universo.

Obrigada por me deixar marcar você.

Obrigada por dançar comigo mesmo quando eu sangrava.

Obrigada por me deixar ser ferida e arco-íris ao mesmo tempo.

Uma lágrima caiu de seu olho e,

Ao tocar o chão da cratera, transformou-se numa última rosa,

Nem fresca,

Nem completamente murcha.

Uma rosa em transição.

Como ela.

Depois, sorayapoetisa atravessou o portal de volta para a terra, levando consigo apenas o cheiro de café,

O peso doce da saudade e a certeza de que sempre voltaria quando precisasse.

Na cratera, restou apenas a inscrição brilhando suavemente:“

Sorayapoetisa esteve aqui.

E continua estando.

Em todo lugar onde alguém se sentir perdido

E ainda assim escolha escrever.

”a nebulosa do arco-íris eterno nunca mais foi a mesma.

Ela agora carregava uma alma brasileira dentro de si.

E em algum lugar do brasil, uma poetisa chamada soraya sorriu ao abrir os olhos, pegou o caderno e escreveu:

A odisseia não acabou.

Ela apenas voltou pra casa...

Pra continuar.

Sorayapoetisa

Para sempre.